

BIBLIOTECA DE "A COMUNA,,

NENO VASCO

001081/8



G
E
O
R
G
I
C
A
S

(AO TRABALHADOR RURAL)

PREÇO \$30

1923

Edição da Biblioteca de "A COMUNA,,
Apartado 17

PORTO

NEMO VASCO

GEORGIAN



(AO TRABALHADOR RURAL)

PREÇO 200

1921

BIBLIOTECA DE A COMUNA

1921



001081

I

CAVADOR, ceifeiro, pastor, moço de lavoira — trabalhador rural, a tua tarefa é a mais útil entre todas, a tua indústria é a base de todas as indústrias, o encargo que te dá a sociedade é entre todos o principal.

O trigo do nosso pão — do escasso e negro pão dos pobres e do alvo e suave pão dos ricos — vem-nos dos campos que tú regas com o teu suor, ao frio, ao vento, à chuva, ou sob o calor esbraseante das sestras estivais.

A carne, que o operário mal conhece, os vinhos, que vão sobretudo adornar as mesas fartas, são-nos fornecidos pelo gado que tú crias, pelas vinhas que tú amanhas.

O leite, o queijo, a manteiga — os bons lacticínios de que tanto carecem as pobres crianças amareladas e enfezadas e que tanto sobram aos lindos e prósperos bebês, és tú que os ordenhas, bates, preparas.

O linho, o algodão e a lã das nossas roupas, as sedas dos vestidos caros, o couro dos nossos sapatos — tudo isso és tú que o arrancas à terra que cultivas, aos animais que nutres e apascentas.

Sem ti e sem o mineiro que extrai o carvão e o ferro, seriam impossíveis as indústrias, desabaria a sociedade, os homens morreriam todos. Todos os mestres que produzem coisas úteis para sustento, abrigo, agasalho, ou simples conforto dos seres humanos, são necessários ao homem do nosso tempo, que já não pôde viver como o homem de há milhares de anos; mas o teu mester é o primeiro, é o mais preciso.

E no entanto, é o mais duro, o mais longo, o mais mal pago e o mais desprezado! Tú, que és o produtor por excelência, és contudo o mais sobrecarregado, o mais miserável e o mais humilhado!

A tua labuta bestial vai de sol a sol, a tua paga não te dá tantas vezes sequer para comer; o teu sustento, o sustento dos teus é escasso e mau, a tua morada é uma cabana desabrigada, o teu vestuário é rude e pouco.

Tú, que cavas, semeias, mondas, ceifas e recolhes as searas, tu, que engordas o gado, tú que te vês cercado de pedras, cal, saibro,—não és alimentado com fartura, nem agasalhado com conforto, nem abrigado com segurança.

Tú que mantens os ricos, os sábios, as cidades — és quase sempre analfabeto, és privado do gozo das coisas belas e delicadas, do bem e do gosto do saber, dos frutos e alegrias da solidariedade e da associação.

Porque és mal pago, miserável e sobrecarregado de trabalho, és ignorante; e porque és ignorante, vives apartado dos teus iguais. E do mesmo modo, por te não juntares aos outros, não conheces o que vales e o que podes exigir em troca do teu labor, não conheces os teus direitos, nem tens força para os defender; e por seres ignorante e por seres só, é que és mal pago, sobrecarregado e roubado. A miséria, a ignorância e a desunião formam uma cadeia de males a prender-te: cada elo segura e puxa os outros.

Mas não te bastam esses males: tú, trabalhador mais útil e necessário, és ainda o mais desprezado. O rico trata-te de longe, com desdém nos modos e nas falas; a gente da cidade, cheia de pretensão e de vaidade tóla, ri-se das tuas maneiras e das tuas palavras, dos teus trajes e das tuas ingenuidades, diverte-se à custa da tua ignorância e da tua miséria, da tua rudeza e do teu acanhamento.

Já pensaste na tua situação?

Já pensaste no valor do teu trabalho?

Sim, decerto; mas cuidaste que essa situação era eterna, para todo o sempre, que o teu trabalho nunca terá outra recompensa, não é verdade?

Pois enganaste-te. A tua pena não é eterna, os teus males não são sem remédio. O termo da tua escravidão e da tua miséria depende de ti. Depende primeiro da tua resolução; depende depois do teu esforço, unido aos dos teus iguais.

E se não escuta-me.



Tú que vives, com os teus, da magra soldada, nas condições de que te falei e que bem melhor do que eu conheces, compara a tua situação com a do lavrador teu amo, com a do proprietário das terras que cultivas, dos instrumentos que manejas, das máquinas e carros que conduzes.

Essa criatura, que, sendo dona de tudo isso, é senhora de ti própria, dos teus braços, do teu trabalho, do teu tempo, do fruto da tua fadiga, que faz de ti enfim seu escravo—pois escravo é aquele que trabalha por conta alheia—essa criatura pode, se quiser, viver cómoda e regaladamente na cidade e ir ao campo unicamente para se divertir ou para te ver trabalhar...

E porquê? Qual a razão de tal desigualdade?

Foi esse amo, esse senhor, esse proprietário, quem fêz as terras ou é ele quem as trabalha? Foi ele quem cortou as madeiras, extraíu, fundiu e forjou o ferro dos arados e das máquinas? Ou não são as terras e as coisas que nelas existem naturalmente propriedade de todos os seres humanos, e não são os instrumentos de trabalho, como as alfaias agrícolas, como todas as obras humanas, fruto

do labor de milhares e milhares de trabalhadores, cuja parte não se pode destringar?

Teu amo dirá que herdou os bens de que dispõe. Mas com que direito os herdou? E como é que os seus antepassados os adquiriram?

— Pela violência, pela extorsão, pela fraude, pelo roubo astucioso ou à mão armada, responde a história dos tempos passados e a dos tempos presentes. Não sabes como os pobres *moagires*, teus irmãos da Turquia, que amanhavam terras ainda sem dono «legal», estão sendo agora espoliados e escorraçados pelos vizinhos, muitas vezes turcos também, que aproveitam bem a guerra?...

— Pelo trabalho, dirá teu amo.

Mas pelo trabalho, só raramente e a muito custo pode uma pessoa juntar um pé de meia, que depressa se consome, se essa pessoa deixa de trabalhar. E o pecúlio é tanto mais custoso de juntar quanto mais rude, brutal e necessário é o trabalho: assim o funcionário superior, o feitor, ou o guardalivros de banco, além de viver melhor, pode entesoír mais depressa do que tú, que moirejas do nascer ao pôr do sol. Como é que o trabalho há-de enriquecer, se quanto mais *trabalho* êle é, mais pobre faz o trabalhador útil?

E' só quando se põe a juros, a render, o pé de meia, que pode vir a riqueza. E esta riqueza vem tanto mais depressa, quanto maior é o pé de meia, ou por outra, o capital, quanto mais farto é o rendimento, quanto mais abundante é o suor alheio que o dono do capital recolhe, quanto mais escravos labutam por conta dele. Porque os juros, as rendas, não são mais do que o suor dos outros. E é muito mais fácil a um rico dobrar e tresdobrar a sua riqueza, engordar e prosperar com a magreza e empobrecimento dos trabalhadores mal pagos, do que a um trabalhador útil fazer-se remediado.

Finalmente, como é que as terras, granjas e alfaias estão em poder dos proprietários, que andam

à boa vida, e não nas tuas mãos e nas dos teus iguais, filhos, netos e descendentes de gerações que sempre trabalharam, durante séculos e séculos?

Teu amo (ou o filho doutor) dirá ainda que foi a inteligência que conferiu aos seus avós e a êle a propriedade e o govêrno das coisas.

Mas teu amo, quando é só proprietário, e nada mais, pode até viver longe das suas terras, numa rica capital, sem saber patavina de lavoira, confiando no tino administrativo e no saber dum conhecido, dum agrônomo. Ora êste agrônomo, como tal, é um trabalhador como outro qualquer, não é mais preciso do que os outros e não tem mais direitos do que êles aos frutos do trabalho de todos. Se não podes viver sem agrónomos, sem amos podes muito bem passar.

Teu amo, só como amo, além de escusado, além de viver do suor alheio, é daninho para os pobres: tem interêsse em haver fartura de gente sem trabalho, para que baixem os jornais e as soldadas; ganha com a carestia; impede que se produzam as coisas com abundância.

E depois, se tudo fôsse de todos e a todos fôsse dado o necessário, como a teu amo, não teriam todos, como teu amo, meios de se instruir, de adquirir capacidades e conhecimentos, de trabalhar bem e conhecer o seu trabalho?

O que teu amo foge de te dar como origem e razão do seu «direito de propriedade» é a força, a violência. Poderia abrir-te os olhos, abrir os olhos aos teus iguais — que são quem lhe fornece essa fôrça — e estava o caldo entornado. Poderias lembrar-te de viver sem amos, e de trabalhar para isso — e seria o fim do mundo... para êles.



III

NUMA ilha fértil, solitária no meio de um grande mar, vivia uma família ociosa, bem nutrida e agasalhada, que se dizia dona e senhora de tôda a ilha, proprietária das terras, casas, choupas, arados, gado, tudo.

Para manter essa família na mandriíce e na fatura, esfalfavam-se, desde manhã até à noite, meia dúzia de trabalhadores ossudos, sujos, tostados do sol, mal alimentados e mal abrigados, êles, suas mulheres e seus filhos. Só êles conheciam o seu trabalho, sabiam as épocas das sementeiras, os modos de cultivar as terras, o manejo do arado e de todos os instrumentos de trabalho, e eram êles que entre si combinavam e distribuíam as tarefas, ajuntando-se nas mais rudes, dividindo-se nas mais leves e curtas.

Quanto aos filhos do patrão, em vez de ajudar, como faziam os filhos e mulheres dos trabalhadores, vinham estorvar e inquietar as pessoas e estragar as sementeiras. E o proprietário então? Esse não fazia mais do que vigiar os serviços, de mãos atrás das costas, dizendo de vez em quando, todo ancho e satisfeito:

—Ah! se não fôsse eu, como haviam vocês de viver?

E os pobres homens, muito humildes, respondiam, descobrindo-se:

—E' verdade, é verdade: se não fôsse o patrão, que nos dá trabalho e nos sustenta, que havia de ser de nós?

Ora um belo dia—belo no comêço, feio depois—o proprietário foi com a família tôda dar um grande passeio pelo mar, na sua linda e veloz chalupa. E tendo-se afastado muito da costa, sobreveio um grande temporal, que afundou a embarcação e afogou todos os que nela iam. Dias depois, os trabalhadores, horrorizados, encontraram na praia os cadáveres dos patrões, vomitados pelos vagalhões furiosos.

A princípio, ficaram cheios de aflição e parecí-lhes que estavam ao desamparo. Mas os trabalhos não pararam. Acostumados a combinar e a distribuir entre si as tarefas, ajuntando-se nas mais rudes, dividindo-se nas mais breves e fáceis, os trabalhadores da ilha continuaram a lavrar, a semear e a colher, a fiar e a tecer o linho e a lã, a criar o gado, a manejar o arado, a foice e o tear—e a terra continuou a produzir, os rebanhos a crescer e a multiplicar-se, o sol a brilhar sôbre as searas...

Os trabalhadores não tardaram a reparar que tudo se fazia melhor do que antes, que já não tinham quem os estorvasse e vigiasse, que comiam melhor, andavam mais agasalhados e tinham melhor habitação e que podiam produzir mais e melhor. E por isso, no dia em que fez um ano que a tempestade os livrara dos patrões, quando palestravam sôbre o caso e suas consequências, o mais velho disse tudo em poucas palavras:

—Que grandes cavalgadas que nós éramos!

Assim dirão os teus iguais, quando se tiverem livrado dos amos que, longe de serem úteis ou precisos, teem interesses contrários aos teus e aos dos

teus irmãos no trabalho. Os amos querem pagar de salário o menos possível, para ganhar o mais possível; e vós precisais de vos deixar roubar cada vez menos nos frutos do vosso trabalho—e isso só o conseguis associados, pois separados, desunidos nada podeis.

Os amos teem interêsse em haver muitos trabalhadores desunidos e muitos desocupados, para que as soldadas sejam pequenas; e vós precisais de trabalhar todos, e de estar unidos, para não haver quem tenha de aceitar uma côdea por qualquer escasso serviço que apareça.

Os amos, para vender caro e com lucro, precisam de refrear a produção das coisas, de reter, enceleirar, assambarcar os produtos, e até de os deixar apodrecer; e vós quereis satisfazer as vossas necessidades. Assim é que há tantas terras incultas, tantas máquinas inactivas, tantos materiais desempregados, quando há tanta gente a sustentar, a vestir e a abrigar e tantos braços desocupados ou mal ocupados.

Vós fareis como os trabalhadores da ilha; mas não podeis, como êles, contar com uma tempestade providencial. A tempestade libertadora tereis de a preparar e fazer vós mesmos.

Tu e os teus iguais tendes de vos associar desde já, ainda que não seja senão para resistir à constante ganância dos amos, para estudar e defender os vossos interesses, para conhecer bem o vosso trabalho e as vossas necessidades, assim como o melhor modo de arranjar e combinar o primeiro e de satisfazer as segundas.

E assim, quando tiverdes a fôrça e as capacidades necessárias, com a ajuda indispensável dos vossos irmãos das cidades, passareis a viver sem amos nem mandriões, e a arranjar tudo por vossas mãos e vossa conta.



IV

JÁ deves ter compreendido que é mais justo, e sobretudo mais proveitoso aos homens, pertencer tudo a todos, pois tudo é obra de todos, e trabalharem todos para proveito geral.

Todos por um e um por todos, é como deve ser; e não um contra todos e todos contra um, como é hoje, pela razão de estar em poder de poucos tudo o que é preciso para trabalhar e viver: terras, casas, máquinas, arados, sementes, materiais, fábricas, celeiros, frutos e tudo o mais.

Como já te disse, teu amo ganha com a carestia e com a fartura de braços desocupados e por isso baratos. Se não pode ganhar, vender caro, deixa as terras por cultivar, suspende os trabalhos, aumentando assim a miséria e as necessidades dos pobres. Quantas vezes não apodrecem os frutos no pé ou no celeiro, porque os preços não conveem ou não deixam lucro! Bem se importam os proprietários com as necessidades do povo: o que elles querem é ganhar. Mas, sendo tudo de todos, todos teem interêsse em haver que chegue para todos, em produzir o bastante e aproveitar bem os frutos.

E aquele que tem uma nesga de tem e que a trabalha por suas mãos? dirás tu talvez.

Sim: êsse, coitado, vive do seu duro trabalho. Mas como vive mal! Labuta como um escravo, sem meios, quase só com os braços e a enxada, e não é menos escravo nem mais rico do que tu.

Ele podia juntar-se a outros nas mesmas condições, e depois ajudarem-se todos, comprarem máquinas. Alguma coisa haviam de lucrar com isso.

Mas não muito, enquanto se produzir para vender. Quem precise não falta; o que falta é quem possa comprar. Nos campos e cidades, o povo vive em geral dum paga, dum salário, que não chega para comprar tudo o que é necessário, pois êsse salário representa só uma parte, às vezes bem pequena, daquilo que o povo trabalhador faz. Se as coisas se vendessem pelo custo — quer dizer pelo que ganha o trabalhador, mais o que é preciso para sementes, alfaias, máquinas, obras e serviços de utilidade geral — nada ganhariam os mandriões e os que fazem coisas escusadas e até daninhas: a corja sem conta dos capitalistas, accionistas, patrões, amos, especuladores, intermediários, banqueiros, fiscaes, guardas e defensores armados dessa gente, enfim todos os que vivem da carestia, tornam a vida cara, reduzem o poder de comprar do pobre, governam no trabalho e nas necessidades dos outros.

Por isso é preciso que todos possam à vontade satisfazer as suas necessidades — ao menos as principais: a comida, a roupa e a casa — e que todos se empreguem em serviços úteis, aproveitando tudo o que há, com a grande ajuda das máquinas.

Então, ainda poderá haver quem teime em amanho por suas mãos o seu pedaço de terra: mas decerto verá logo que é melhor pôr tudo em comum e trabalharem todos juntos e combinados, para ganhar tempo, abrandar o trabalho e fazer mais. Em cada localidade ou região, todos os miste-

res e officios se organizarão, se associarão, fazendo cada uma dessas associações o que do seu officio fôr preciso para todos: os agricultores fornecerão o trigo, os frutos, o gado, a lã, o linho, os productos da terra necessários; os moageiros e padeiros moerão a farinha e fabricarão o pão que se precisar; os tecelões, alfaiates e sapateiros vestirão e calçarão a gente; os pedreiros, os carpinteiros e os marceneiros farão as casas e os móveis suficientes; e assim por diante. De modo que todos terão o preciso, cada um consumirá conforme as suas necessidades, com um trabalho muito mais leve e curto do que hoje, sem precisão de amos, nem sequer de dinheiro. Todos serão ao mesmo tempo amos e trabalhadores, todos sócios da mesma empresa, todos igualmente necessários. E os velhos, doentes e cianças estarão a cargo de todos.

Para alcançar isso, precisas de te associar já aos teus iguais, de disputar desde já aos amos o pão e o descanso, de aprender os teus direitos, de conhecer bem o teu trabalho. Ninguém vos valerá, se não vos valerdes vós mesmos. E não te fies nos políticos, que tudo prometem para apanhar o teu apoio e o teu voto. Tôdas as leis que êles fazem, quando não são contra ti, não se podem praticar, pois é o rico quem tudo póde e quem manda nos políticos, nos governos, nos juizes e nos polficias.

Compreendeste-me, não é verdade?

Não fui tam claro como queria, nem te expliquei senão uma pequena parte do que tinha para te dizer. Mas tu reflectirás e encherás as falhas, tu continuarás a ler e a meditar nas coisas lidas e aprendidas, e irás depois comunicá-las aos teus irmãos no trabalho, pesando-as e discutindo-as. Na tua linguagem chã, à hora do descanso ou da merenda, ou em tórno da lareira, hás-de lhes dizer melhor o que lhes toca de direito e o que da sua união, do seu trabalho e da sua fôrça podem esperar para bem de todos.

Secção de Livraria de "A COMUNA"

(BIBLIOTÉCA DE "A COMUNA")

PREÇÁRIO DE LIVROS E FOLHETOS À VENDA

Acções de "A Batalha" 1\$00	J. EBERT—Os I. W. W. na Teoria e na Prática 2\$50
A. GUERRA—O Proletariado Histórico . \$75	J. GUESDE—A Lei dos Salários \$25
A Las Consciencias Honradas \$20	KRAPOTKINE—A Mo-cidade \$50
B. LUX—O Sindicalis-mo e os Intelectuais . \$50	Idem—Bastidores das Guerras \$15
CHUECA—Como não ser Anarquista? . . \$20	Idem—A Moral Anar-quista \$30
CONTENT—Contra o confusio-nismo \$15	LANDAUER—A Social D. na Alemanha . . \$10
DELAISI—Os Finan-ceiros, os Politicos e a Guerra \$20	MALATESTA—Entre Camponeses . . . \$30
E. CHAPPELLIER—Por-que não creio em Deus 1\$00	MELLA—O Princípio do Fim \$10
E. SILVA—Teatro Li-vre e a Arte Social . \$20	NANSEN—A Fome na Rússia \$50
ETIEVANT—A Minha Defeza \$20	N. VASCO—Concepção Anarquista do Sindica-lismo. . . . 2\$00
ETTOR—Unio-nismo industrial \$50	RECLUS—A Evolução Legal e a Anarquia . \$30
FAURE—Doze Provas da Inexistência de Deus \$50	VARIOS AUTORES:
HAMON—A Crise do Socialismo \$40	A Canalha 1\$00
J. C. SOUSA—A Pro-priedade Privada . . \$20	A Maçonaria e o Pro-letariado (trad.) . . \$30
	A Novela Vermelha . \$25
	"La Vero" (revista) . \$10

PELO CORREIO:—Para o Continente, Espanha e Ilhas, mais \$10. Para a Africa e Estrangeiro, mais \$40. — Não se atendem pedidos que não venham acompanhados da respectiva importância.

Pedidos: "A COMUNA" "A BATALHA"
Apartado, 17—Porto C. do Combro, 38-A-2.º —Lisboa



Trabalhadores: Lêde:

“A COMUNA,,

Semanário Comunista—Anarquista

Cada número \$20; África, \$25, Extranjero, \$40

Apartado 17

P O R T O

Lêde também:

“A BATALHA,,

e

“O DESPERTAR,,

**Orgãos da Organização Operária Portuguesa e das
Juventudes Sindicalistas**

Novas edições à venda na

Biblioteca “A COMUNA,,

- | | |
|---|------|
| B. LAZARE—A Liberdade | \$50 |
| JOÃO MOST—A Peste Religiosa | \$40 |
| Mujer—¿ Esclavaa ó compañera? | \$10 |